

Resumo: O artigo pretende, modestamente, focalizar a relação dos dois bispos com a realidade da presença da Vida Religiosa em nossa Igreja arquidiocesana. Faz uma breve referência a essa presença histórica na vida da Igreja, passando em seguida a ver a relação de cada um dos arcebispos com as congregações e institutos concretos nesta concreta Igreja Particular. No tocante a Dom Afonso, sublinha a presença da VR na sua biografia, desde a infância, com destaque para a experiência da caminhada vocacional de sua irmã. Cita palavras suas referentes à nova visão da VR no pós-Concílio e, nesse contexto, fala do surgimento de um novo grupo religioso na arquidiocese, como também do seu empenho pela instalação dos dois carmelos de vida contemplativa. Conclui com a referência ao acervo de correspondências dos dois bispos com membros das congregações na arquidiocese.

Abstract: The present article modestly aims to focus on the relationship of the two bishops with the reality of Religious Life in our archdiocese. It starts with a brief reference to this historic presence in the Church and subsequently points out the relationship of each of the two archbishops with the concrete religious congregations present in our concrete Church. It underlines the presence of RL in the biography of Dom Afonso since childhood, mainly because of his sister's vocational way. By quoting his sight of post-conciliar RL, he also refers to the beginning of a new religious group in the archdiocese and to his efforts in order to installing two carmelos of contemplative life. At the end it still refers to the rich archive of correspondences of both bishops with the members of religious congregations.

Os bispos e a Vida Religiosa

*Ir. Clea Fuck, DP**

* Irmã da Divina Providência. Formada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em Orientação Educacional na Universidade Católica do Paraná (PUC). Durante 14 anos, secretária alemã na União Internacional de Superiores Gerais (UISG), em Roma. Tradutora e intérprete em encontros internacionais de 18 Congregações masculinas e femininas



Efemérides centenárias: Dois grandes Pastores da nossa Igreja Arquidiocesana!

Dom Joaquim: O bispo de todo o Estado de Santa Catarina, durante 13 anos; depois, arcebispo desta Igreja Particular de Florianópolis durante os seguintes 40 anos.

Dom Afonso: Filho desta arquidiocese, nascido quando, há cem anos, ela se estendia ainda por todo o sul do Estado, abrangendo as hoje dioceses de Criciúma e Tubarão, incluída, portanto, a sua cidade natal: São Ludgero.

Pastores da nossa Igreja em tempos marcados por características de início: Dom Joaquim – praticamente o início da vida e organização da Igreja diocesana, após os breves anos de Dom João Becker (1908-1912); Dom Afonso – o início da vida e nova visão da Igreja arquidiocesana nos abençoados (e conturbados!) primeiros anos do pós-Concílio (1962 – ...).

A Vida religiosa presente na Igreja e na (arqui)diocese

Com a preocupação de definir o lugar da Vida Religiosa na Igreja, o Concílio Ecumênico Vaticano II diz, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, quando se refere às várias realidades componentes da vida eclesial, que a Vida Consagrada, embora não pertencendo à *estrutura divina e hierárquica* da Igreja (LG 16), *está firmemente relacionada com sua vida e santidade* (LG 120). Na verdade, o Concílio não fez mais que confirmar uma realidade histórica, pois a Vida Religiosa, ou vida de especial consagração, concretizada ao longo dos séculos em inúmeras formas de institutos, congregações e ordens, foi sempre uma presença reconhecida e valorizada na vida da Igreja.

Dom Joaquim e Dom Afonso eram bispos “diocesanos”, ou seja, do clero diocesano, ou secular. Não tinham, na própria história de vida e formação, a experiência de um noviciado e consagração por votos religiosos. Mas, independentemente de uma sua eventual filiação a determinada forma de vida consagrada, o bispo é sempre o centro de unidade e comunhão de todas as forças vivas e atuantes na Diocese, e isto em virtude de seu tríptico múnus de ensinar, santificar e reger. Assim, além de ter a seu lado, sempre, e em primeiro lugar, o seu presbitério diocesano, o bispo também poderá contar com a colaboração dos membros das Or-



dens e Congregações religiosas, masculinas e femininas, eventualmente presentes no território de sua diocese, os quais, sem prejuízo de suas finalidades específicas, deverão seguir com especial empenho as linhas de orientação pastoral da diocese em que estão inseridos.

Na diocese/arquidiocese de Florianópolis, a Vida Religiosa esteve presente desde os seus primórdios. Já em 1895, oito anos antes da criação desta Igreja Particular, haviam chegado à Ilha e ao Estado as Irmãs da Divina Providência¹, trazidas ao Brasil pelo grande incentivador da criação da diocese, o Pe. Francisco Xavier Topp. Em Nova Trento havia sido fundada a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, em 1890, uma primeira fundação nativa em nosso Estado, a qual vinha dando seus primeiros passos, com as dificuldades inerentes a tais inícios. Foram, salvo erro de conhecimento, as duas únicas Congregações femininas que Dom Joaquim encontrou já na diocese, quando de sua chegada, cem anos atrás.

Quanto às Ordens masculinas, ele encontrou no seu presbitério, entre os padres diocesanos, também os padres jesuítas, em Nova Trento (desde 1879) e em Florianópolis, no Colégio Catarinense, fundado em 1906; os freis franciscanos, em Blumenau, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz e Florianópolis (Santo Antônio), aí chegados entre os anos de 1892 e 1909; os padres dehonianos (SCJ), em Florianópolis, na igreja São Francisco (1903), em Azambuja (1905) e em Jaraguá do Sul, desde 1911².

Relação de Dom Joaquim com a Vida Religiosa

Por força das circunstâncias, os contatos iniciais de Dom Joaquim com a realidade da vida religiosa feminina na diocese foram mormente com as Irmãs da Divina Providência, presentes no coração da cidade de Florianópolis, onde, em agosto de 1897, assumiram a administração do Hospital de Caridade e, em janeiro de 1898, fundaram o Colégio Coração de Jesus.

Seja-me permitido dar aqui o meu testemunho pessoal a respeito do grande apreço e valorização do arcebispo pela Vida Religiosa, como o conheci e experimentei no meu próprio caminho vocacional. Bianu-

¹ Congregação fundada em Münster, Alemanha, no dia 3 de novembro de 1842.

² Segundo pesquisa na Internet.



almente, Dom Joaquim vinha presidir à então muito solene celebração da tomada de hábito e profissão de votos temporários e perpétuos de um sempre considerável número de postulantes, noviças e junioristas, em nossa bela capela do Colégio Coração de Jesus. De suas mãos também eu recebi, em 1947, o nosso tradicional hábito religioso, que usei durante mais de vinte anos, e a seu tempo muito amei; diante dele, como do representante da Igreja, fiz meus primeiros e últimos votos. Se não lembro das palavras que proferia nessas ocasiões, na homilia e fora dela, não é difícil recordar a unção com que falava nem os gestos com que as acompanhava.

Recordações semelhantes poderiam certamente aduzir tantas Irmãs, de várias Congregações, que iniciaram sua vida religiosa naqueles anos pré-conciliares, em que a presença da autoridade eclesial era fortemente marcada ao longo das estações do caminho vocacional religioso. Desde cedo, eram também as Irmãzinhas da Imaculada Conceição a receberem todas as atenções do (arce)bispo, em Nova Trento; depois, a jovem Congregação fundada em Rodeio, em 1915, à qual o próprio bispo Dom Joaquim deu o nome de Catequistas, Catequistas Franciscanas, em vésperas de celebrar seu Centenário de Fundação (janeiro de 2015); a partir de 1927, as “Irmãs de Angelina”, como eram por muito tempo conhecidas as Franciscanas de São José; de minha lembrança é a chegada, da Alemanha, das Escolares de Nossa Senhora, vindas em 1936 para Forquilha, no sul do Estado, um grupo delas passando alguns poucos anos em São Pedro de Alcântara, onde, jovem adolescente, eu as conheci e muito admirei.

Essa relação de Congregações, forçosamente limitada, não pretende ser exaustiva, muito menos excludente, apenas exemplificante. E aqui penso também nos membros das Congregações masculinas – clérigos e irmãos –, não citados nominalmente, mas incluídos sempre na referência genérica Vida Religiosa, por força de sua presença, de mais ou menos longa data, nessa Igreja (arqui)diocesana.

Para dizer-nos um pouco como Dom Joaquim via a vida religiosa, de modo especial a fase introdutória a ela, o Noviciado, permito-me trazer alguns extratos do seu discurso proferido por ocasião do lançamento da Pedra Fundamental do Provincialado Divina Providência, hoje Casa de Retiros e Eventos muito conhecida e procurada na arquidiocese, e mesmo fora dela. No dia 3 de maio de 1962, ao ser enterrada a pedra simbólica, após a Missa festiva na capela do Colégio Coração de Jesus,



Dom Joaquim inicia seu longo e erudito discurso com a pergunta temática: “Quid sibi volunt isti lapides?” – *Que significam estas pedras?* Ele não responde de imediato, mas fala inicialmente do grande papel, sobretudo moral e religioso, que à pedra sempre coube desempenhar ao longo da história. Após discorrer longamente sobre esse simbolismo em várias passagens da Primeira Aliança, conclui citando a palavra de Josué por ocasião do juramento de fidelidade do povo: “Esta pedra servir-vos-á de testemunho” (Jos 24,27). E pergunta, referindo-se agora à construção da casa que, inicialmente, se destinava a abrigar o Noviciado das Irmãs da Divina Providência: “*E não parece que está aí uma certa analogia de propósitos com os do novel Instituto que nesta esplanada se levanta?*” Da referência ao juramento de fidelidade do povo com o seu Deus, passa a dar toda uma sua visão do noviciado, no qual, “*livre e espontaneamente, acudindo ao impulso interior, (as jovens) resolveram ingressar. O Noviciado, com efeito, não é senão a estância, o lugar, o abençoado aconchego em que as candidatas, libertas de preocupações outras, se esforçam por adquirir uma formação prática, que toda está na aquisição das virtudes próprias e necessárias à vida religiosa. ... Esse o meio indispensável, o caminho a seguir para ingressar à Profissão. ... Não admira que, assim compreendido, o noviciado tenha sido para muitos a principal nutriz da verdadeira santidade*”. E volta ao propósito do momento: “*Aqui também, em prédio digno, o Provincialado, centro de autoridade e radiação religiosa, Casa-Mãe da inteira Província, tem o nobre encargo de conservar a concórdia entre todas as casas da Província*”. E conclui, voltando à pergunta inicial: “*Se, pois, ao curioso que aqui passar, ou a quem revele interesse pelas grandes coisas, surgir a mesma pergunta: Quid sibi volunt isti lapides? – Que vem a ser essa mole de material, essas paredes, essa linda construção, elas mesmas, as paredes, se apressarão a responder: dar agasalho às almas que aspiram subir, para depois descenderem e serem úteis a seus semelhantes*”.

Repito: Palavras semelhantes o venerando Antístite pode ter pronunciado em ocasiões tantas de celebrações de outras Comunidades religiosas ao longo de seus 53 anos de pastoreio desta sua grei. Cada Comunidade terá as suas lembranças próprias e suas razões para celebrar, com toda a nossa Igreja Arquidiocesana, esse festivo Centenário de Posse de Dom Joaquim em nossa Igreja.

Também as palavras de Ir. Constança Francisconi, na Rádio Diário da Manhã, no dia 18 de maio de 1967, por ocasião do falecimento do arcebispo, poderiam, imagino, ter sido ditas pela representante de qual-



quer outra Congregação (*mutatis mutandis*: talvez menos décadas): “... As Irmãs da Divina Providência muito devem ao egrégio Pastor, que as dirigiu e orientou por mais de 5 décadas. S. Excia foi sempre presença marcante nas cerimônias de tomada de hábito e de profissão religiosa, não cedendo a ninguém o direito que lhe cabia de presidir a elas. Eram cerimônias longas, mas nunca faltava, embora o peso dos anos lhe dificultasse, cada vez mais, o exercício dessas funções. E os sermões que fazia, cheios de ensinamentos! Disse-nos uma vez que, em todos esses anos, nunca se repetia. Era profunda a sua erudição. ...”.

Dom Afonso e a Vida Religiosa

Relacionar Dom Afonso com a Vida Religiosa – com todo o respeito pela sua dedicação a todos os Institutos de vida consagrada, tanto masculinos quanto femininos, presentes em sempre maior número na arquidiocese –, não há como não fazê-lo, também, de modo particular, com as Irmãs da Divina Providência. Com elas, que aparecem sempre de novo na sua biografia, ele estabelece sua primeira relação com a especificidade característica da vida religiosa, e com sua presença apostólica na vida da Igreja.

Já na infância ele as encontra, necessariamente, nos dois lugares que marcavam o dia a dia das crianças do seu tempo, sobretudo nas paróquias do interior: a igreja e a escola. Na igreja, as Irmãs não só tocavam o harmônio e dirigiam os cantos, como também enfeitavam os altares e cuidavam de toda a organização paroquial, ao lado sempre do venerando Mons. Frederico Tombrock. Na escola – era o antigo modelo das Escolas Paroquiais, que eram de fato como que um prolongamento da igreja –, o menino Afonso não só foi alfabetizado pelas Irmãs, aprendendo alemão, na antiga caligrafia gótica, e as demais matérias também em alemão, como ainda aprendeu com elas todas as orações comuns do devocionário católico, que se recitavam cada manhã no começo das aulas³. Também sua vocação ao sacerdócio terá sido, se não despertada, fortemente apoiada e acompanhada pela Ir. Teófana, a grande promotora vocacional entre os meninos de São Ludgero.

Quando depois sua irmã Justina deixou a casa paterna e ingressou na nossa Congregação, Dom Afonso certamente viveu e acompanhou com a

³ Também eu fui alfabetizada nesse estilo de Escola Paroquial, na Varginha de São Pedro de Alcântara. No começo da aula rezava-se, depois do Pai-Nosso e Ave Maria: a Salve Rainha, o Credo, os 10 mandamentos da Lei de Deus, os 5 mandamentos da Igreja, os 7 sacramentos, os novíssimos, as obras de misericórdia corporais e espirituais.



família os momentos iniciais marcantes do itinerário religioso no espírito da época: sua despedida da casa paterna, para nunca mais voltar⁴; sua mudança de nome para *Irmã Alice*; suas festas de vestição e votos; depois, já bispo auxiliar de Lages, o Jubileu de Prata de consagração religiosa da então Mestra de noviças; e, com grande presença fraterna de conforto humano e sacerdotal, o seu longo e doloroso caminho de sofrimento, até a sua morte, vitimada pelo câncer, no dia 30 de novembro de 1971.

Voltando: Em Azambuja, ao chegar lá entre os primeiros meninos seminaristas, com o Pe. Jaime de Barros Câmara – após a breve aventura do início do caminho seminarístico em Florianópolis –, Afonso Niehues encontra de novo, também aí, as Irmãs da Divina Providência, presentes desde 1902, nos difíceis inícios do hospital e no, anexo, primeiro “asilo de doentes mentais” de Santa Catarina⁵, passando imediatamente a atender também o Seminário, que então se anexava, precariamente, a essa estrutura já polivalente.

Quando, já como Pe. Afonso, retorna como professor a Azambuja, em 1940, ou inicia, em 1943, o Pré-Seminário em São Ludgero, e depois, em 1947, retorna mais uma vez a Azambuja, agora no cargo de Reitor, que desempenha até a sua nomeação como bispo coadjutor de Lages, em 1959, são ainda as mesmas Irmãs que conheceu na infância que colaboram com ele, na doação generosa do dia a dia dessas obras.

Entre esse ponto e o retorno à Arquidiocese como seu Pastor, sucedendo a Dom Joaquim, há certamente inúmeros abençoados encontros de Dom Afonso com outras tantas Congregações religiosas, masculinas e femininas, atuando em tantos outros campos sociais e apostólicos, e todas elas atestariam igualmente, sem dúvida, o carinho pastoral do Arcebispo por elas, nas várias formas de sua presença na Igreja.

Dom Afonso no tempo pós-conciliar

Como na Igreja toda, também na Vida Religiosa, estruturada em moldes rígidos, sobretudo a partir do Concílio de Trento, já se vinha pressentindo há mais tempo a necessidade de mudanças – na liturgia, na ação pastoral, nas prescrições e normas minuciosas do viver cotidiano.

⁴ Era rigorosa, ao menos na nossa Congregação, essa despedida definitiva; somente com as “inovações” após o Concílio pudemos voltar a visitar a casa paterna, a família, a paróquia de origem.

⁵ Transferido em 1942 para a Colônia Sant’Ana, para onde também as Irmãs acompanharam os doentes.



O simples anúncio de um novo Concílio, feito pelo novo (idoso!) Papa João XXIII, já despertou então, em muitas pessoas, a esperança de uma nova aurora eclesial.

Começou o Concílio – e quem o viveu sabe do entusiasmo com que muitos, sobretudo os mais jovens nos conventos e em outras estruturas da Igreja, acolhíamos com sofreguidão as novidades que transpiravam das sessões conciliares.

Dom Joaquim, como arcebispo de Florianópolis, e Dom Afonso, como bispo coadjutor de Lages, participaram da primeira sessão do Concílio, em outubro de 1962. Voltaram com reações diferentes: Dom Joaquim, angustiado, preocupado com a previsão de mudanças para ele inimagináveis na vida e no governo da Igreja, resolveu não mais participar das sessões seguintes. Dom Afonso, esperançoso, ávido por ver a continuação do processo iniciado, continuou participando de todas as sessões, até a conclusão festiva há quase 50 anos.

E à medida que voltava de mais uma sessão, Dom Afonso ia deixando entrever, já em Lages, o seu modo peculiar de concretizar o *aggiornamento* proposto por João XXIII: abertura, confiança nas pessoas, respeito pelas suas decisões, mas também cautela, prudência. Foi o que marcou seu pensar e agir também em relação às muito visíveis mudanças na Vida Religiosa (como, aliás, em muitas estruturas da Igreja), quando iniciou seu abençoado pastoreio da nossa Igreja arquidiocesana.

Numa celebração, em novembro de 1967, referindo-se à recomendação do Concílio às Congregações e Institutos religiosos de adaptarem suas Constituições às necessidades dos novos tempos, disse: ... *O Concílio nos deu alguns instrumentos, alguns textos, mas sobretudo um novo espírito. A mesma coisa se pode dizer com referência aos estudos de atualização feitos pelas Irmãs: nasceu um novo texto das Constituições, mas soprou, sobretudo, um outro espírito: o exame do documento nos leva a concluir pelo seu objetivo que é de formar Irmãs autênticas, adultas, apostólicas... A Igreja, pelo Concílio, lançou as bases para que todas as comunidades se pudessem ajustar a essa nova mentalidade e formar não somente os elementos da hierarquia ou das Constituições Religiosas, mas também os próprios fiéis para uma maior autonomia...*

A uma Congregação que se preparava para esse estudo da reformulação de suas Constituições, na Alemanha, ele responde ao pedido de uma sua orientação com palavras que deixam muito claro o seu apoio



a inovações sérias e bem fundamentadas: ... *transmitindo meu ardente apoio à projetada reforma das Constituições, ... em virtude da enorme diferença de mentalidade, costumes e situação entre Brasil e Europa, ... sejam tomadas em consideração as sugestões vindas do Brasil, ... e outorgada à Província brasileira maior **autonomia**, indo assim ao encontro das tendências claramente manifestadas pelo Concílio.*

Outra Congregação que preparava o seu Capítulo Especial de Renovação, também recomendado pelo Concílio, lhe solicita orientação relativa a determinados pontos, inclusive o uso ou não do hábito. Dom Afonso responde: *Princípios gerais para uma atuação eficiente na Arquidiocese: visão ampla da Igreja – espírito apostólico e de equipe – despreendimento de interesses demasiado pessoais ou congregacionais; vida interior profunda – união vital com Cristo – fé adulta; aspecto exterior...: o hábito deve ser prático (não importa que seja traje religioso ou civil); valorizar as coisas segundo a ordem de valores; conhecimento dos movimentos diocesanos, participação ativa, disponibilidade; maior formação pastoral, visão mais ampla das necessidades da Igreja local.*

Entre as turbulências dos primeiros anos do pós-Concílio, com a ânsia de novas experiências por parte de uns e umas e a resistência e medo das inovações de outros e outras, a Vida religiosa experimentou abalos inesquecíveis: de um lado, desistências de muitos dos seus membros, diminuição de vocações e consequente esvaziamento dos noviciados, questionamentos sem fim; de outro lado, firme reopção pela vocação assumida, seja salvaguardando o hábito e os hábitos tradicionais, seja lutando por inovações mais diretas e novos modos e campos de inserção.

Nesse contexto do confronto entre duas alas antagônicas – a pressa de inovar e a luta por conservar –, nasceu, em 1978, a *Fraternidade Esperança*, formada por um grupo de Irmãs da Divina Providência. Dom Afonso acompanhou com preocupação pastoral o evoluir da situação conflitiva. Embora avesso ele mesmo a decisões radicais, também em outros segmentos da Igreja, não deixou de acompanhar o novo grupo, uma vez concretizada a ruptura, com apoio sereno e avaliação prudente de seu “Projeto de Vida”, mesmo depois que o seu acompanhamento oficial foi assumido por Dom Gregório Warmeling, bispo de Joinville.

Ao mesmo tempo que deseja, acompanha e abençoa a vida consagrada, de homens e mulheres, inserida na realidade eclesial e temporal, Dom Afonso se empenha pela instalação de uma Ordem contemplativa na arquidiocese. Interessa-se pessoalmente pela aquisição de um terre-



no apropriado para a construção de um Carmelo, sobretudo na grande Florianópolis, enquanto também no norte da diocese se dão passos concretos com o mesmo objetivo, e mantém intenso intercâmbio epistolar com as responsáveis por essas fundações. Com alegria pastoral inaugura, primeiro, em 1984, o Carmelo Santa Teresa, de Itajaí, depois, em 1989, o Carmelo Cristo Redentor, em São José.

Resumindo: O acervo das correspondências, recebidas e enviadas, catalogadas no Arquivo da Arquidiocese, e consultadas com o respeito e a discrição que tais documentos exigem, revela muito do carinho e do cuidado dos Pastores por essa parte do seu rebanho; e revela, de outro lado, a confiança com que a Vida Religiosa da Arquidiocese, com seus nomes e rostos diversos, se dirige ao Pastor e Pai para partilhar alegrias e preocupações, para buscar e agradecer orientações e conselhos, para manifestar, sim, sentimentos de respeito, de gratidão e de sincero afeto.

Conclusão

Que me relevem as Irmãs e os Irmãos das muitas expressões de vida consagrada presentes na Arquidiocese nos longos anos de condução desta Igreja pelos amados Pastores Dom Joaquim e Dom Afonso, ora celebrados em comemoração centenária, e que me relevem também eles, os Pastores, mas com bênçãos do céu, a insuficiência do presente artigo para pôr em evidência a relação pastoral dos dois bispos com a Vida Religiosa na Arquidiocese.

Fontes:

Crônicas da Província do Coração de Jesus, das Irmãs da Divina Providência.

Arquivo da Arquidiocese.

Pesquisa na Internet / Google.

Contatos telefônicos.

Memórias pessoais.

Endereço da Autora:

Av. Bayer Filho 1628 – Tijucas

E-mail: ir.clea@gmail.com

Tel.: 48 3263 0979 / 99863339